Fundado em 1997 por iniciativa de professores da Faculdade



festivelhas A CULTURA DA E S C A S S E Z

2 MANUELZÃO · **07.2015** 

CARTA AO LEITOR

## APROPRIAR-SE DE CULTURA

Esta edição da Revista Manuelzão é especial porque acontece junto ao 5º FestiVelhas, evento cultural que reúne a população da bacia do Rio das Velhas em torno do debate da transformação social e ambiental através da arte e cultura. Uma oportunidade de discutir os caminhos que estamos seguindo e o que estamos preparando para envolver as ações de revitalização e preservação do Rio das Velhas e com ele toda a rica manifestação cultural da bacia.

Cultura significa "cultivar" e inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos que determinaram nossas formas de entender e intervir no ambiente. Nesse contexto, queremos abordar a escassez cultural. Mas há uma escassez? O que seria isso? O tema divide opiniões. Para especialistas, não há uma escassez propriamente dita, mas uma despolitização da sociedade, pois vivemos uma crise de distribuição do poder na sociedade, ou seja, uma divisão desigual, e não igualitária de oportunidades de aculturação. Outros afirmam que a cultura é o resultado da evolução histórica e sua relação com outras culturas, implica a necessidade de mudanças internas e externas nos comportamentos vividos.

Nosso intuito nesta edição é debater esses paradoxos da escassez cultural, a atual crise hídrica e os desdobramentos de toda essa situação. O momento é de reflexão, de pensar os territórios, o poder e construir imaginários coletivos entre governo e sociedade, pois a hora de mudar é agora. O que só acontecerá se houver um esforço coletivo de desconstrução dessa cultura poluidora e consumista, que certamente nos levará aos mesmos resultados do presente.



HISTÓRIA HUMANA NO VELHAS  $\angle$ 

6

AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO {

A FALSA SUSTENTABILIDADE

ALÉM DA ESCASSEZ CULTURAL

POR UMA CULTURA DA ÁGUA

INCLUSÃO DOS RIOS URBANOS

ÁREAS VERDES E INTEGRAÇÃO

FESTIVELHAS: ARTE E CULTURA

Esta é uma publicação do Projeto Manuelzão -UFMG, Saúde, Meio Ambiente e Cidadania pela revitalização dos rios do mundo.

> COORDENAÇÃO GERAL Marcus Vinícius Polignano Thomaz Matta Machado

CONSELHO EDITORIAL Marcus Vinícius Polignano Lisia Cândida Durães Godinho Eugênio Marcos Andrade Goulart Procópio de Castro Renato Crispiniano

JORNALISTA RESPONSÁVEL Renato Crispiniano • MTB 12541

DIAGRAMAÇÃO E INFOGRAFIA Lila Gaudêncio

> FOTO DA CAPA Procópio de Castro

IMPRESSÃO Fumarc TIRAGEM 65.000 exemplares

ISSQN 2178 9363

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor. Os artigos assinados não exprimem, necessariamente, a opinião dos editores da revista e do Projeto Manuelzão.

Universidade Federal de Minas Gerais Av. Alfredo Balena, 190, sl. 813. Belo Horizonte (MG). CEP 30130-100 (31) 3409-9818 www.manuelzao.ufmg.br manuelzao@manuelzao.ufmg.br











MANUELZÃO · 07.2015 COMUNIDADE 3





#### RIO S. FRANCISCO TÁ MORRENDO!

Foi interrompida a navegação no São Francisco no trecho entre Ibotirama e Petrolina (700 km), devido à baixa vazão e assoreamento do rio. Sobradinho está com 21% da sua capacidade de armazenamento. A vazão no Baixo São Francisco está em 900m³/s numa região onde a vazão era de 1500m³/s.

#### PARQUE DO BREJINHO: AINDA UM SONHO

As obras para a bacia de detenção do Parque do Brejinho, no bairro São Francisco, região Norte de BH, se encontram paralisadas e os recursos para implantação ainda não estão garantidos. Enquanto isso, as nascentes estão sendo degradadas.

#### ALTA TENSÃO NO RIO DAS VELHAS

A proposta de instalação de uma rede de altíssima tensão passando pela região do Alto Velhas ligando Rio Acima, Itabirito e Vespasiano, está preocupando ambientalistas. Isso porque a linha de 500KV gera uma grande radiação, o que pode acarretar danos à saúde humana, à fauna e à flora da região. Além disso, há um risco de passar por regiões habitadas.

#### AQUÍFEROS "ESTRESSADOS"

Um terço dos aquíferos do mundo está secando a uma taxa alarmante, revelam dados da NASA. Oito dos 37 principais aquíferos, inclusive o Guarani, foram classificados como "sobre estressados" e outros 5, classificados como "altamente estressados".

#### CARTA DO LEITOR

#### CÓRREGO DA AVENIDA DOIS



Sou vice-presidente da Associação de Moradores do Bairro Colorado e membro do comitê gestor da bacia. No dia 06 de maio tivemos uma audiência pública com a Copasa e o Departamento de Obras Públicas (DEOP) em que foi tratada a retomada das obras de canalização do Córrego da Avenida Dois em Contagem – algo que demorou cerca de 18 anos para acontecer. Recentemente recebi um documento do Ministério Público atestando que a obra já estava concluída. Levei o documento, tirei cópia, espalhei pela comunidade e o promotor me deu 10 dias para contestar por escrito aquele documento. Na audiência pública que teve em maio na Associação, o DEOP e a Copasa assumiram o compromisso de retomarem as obras no prazo de 10 a 15 dias e estão cumprindo até o momento.

**Carlos Alberto Ferreira** *Núcleo João Gomes* 

### CAUSA SANTA



O Papa Francisco divulgou a Encíclica Ambiental intitulada "Laudato si" (Louvado Seja). O documento cobra uma postura menos gananciosa de países desenvolvidos para evitar mais alterações climáticas e lembra que a ecologia integral deve incluir as dimensões humanas e sociais.



#### MENOS ESGOTO NO RIO

Foi aprovada a obra de interligação de esgoto na região do Parque Belmonte que vai permitir interceptar o esgoto de cerca de 40 mil pessoas na região do Baixo Onça. Isso foi anunciado no evento "Deixa O Onça Beber Água Limpa" realizado no Parque Belmonte com organização do Comurpa, e apoio do Projeto Manuelzão e CBH Velhas.

#### MAIS AVES NO CÉU

O projeto 'Aves do Carste' irá criar mais um bioindicador da qualidade ambiental do Rio das Velhas. O intuito é capacitar alunos e professores do ensino médio na identificação, documentação e monitoramento e acompanhamento da migração da avifauna local, que será integrado a uma rede de informação. Participarão do projeto escolas de Confins, Funilândia, Lagoa Santa, Matozinhos, Pedro Leopoldo e Prudente de Morais. O projeto será coordenado pelo ICB/UFMG.

#### PELA REVITALIZAÇÃO DO CÓRREGO CAPÃO

Em comemoração à Semana do Meio Ambiente, o Núcleo Capão e a comunidade do bairro Lagoa da Regional Venda Nova realizaram o evento "Enquanto Houver Sol", em favor da preservação dos recursos hídricos e da revitalização do Córrego do Capão. O evento aconteceu no dia 2 de junho na Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso. Foram realizadas oficinas, trilhas, palestras e apresentações culturais.

#### AUGUSTO DE LIMA

Cerca de 600 estudantes, entre crianças e adolescentes, visitaram o ônibus do Manuelzão em Augusto de Lima. A visita fez parte da realização do 'Seminário sobre Conservação de Água e Solo'.

ENVIE SEU RELATO OU DENÚNCIA: MANUELZAO@MANUELZAO.UFMG.BR OU 🚮 FACEBOOK.COM/MANUELZAO

4 HISTÓRIA MANUEL ZÃO · 07.2015

# A HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO HUMANA DA BACIA DO RIO DAS VELHAS

NAVEGAR PELO VELHAS É VASCULHAR SUAS ORIGENS E MUDANÇAS, DESVENDANDO UMA REGIÃO QUE FAZ PARTE DA FORMAÇÃO DE MINAS



EUGÊNIO GOULART Coordenador de Publicações Científicas e Literárias do Manuelzão

Os primeiros seres humanos chegaram há cerca de 12 mil anos atrás, comprovam os estudos por datação com o carbono radioativo encontrado na natureza. Nessa época, ainda pastavam e caçavam pela várzea do Rio das Velhas muitos animais, alguns da megafauna, que logo em seguida foram extintos: preguiça gigante, tigres dente-de-sabre, cavalos pré-históricos e tatus imensos. As tribos indígenas vieram do norte, pois deixaram a Ásia e chegaram às Américas pela ponte de gelo que naquela época existia, ligando a Sibéria ao Alasca. Lentamente foram descendo em direção ao sul, explorando novos territórios.

Quando chegaram ao centro do nosso continente, usavam com frequência as grutas como abrigo, como, por exemplo, as existentes no médio Rio das Velhas. Na região de Lagoa Santa, muitos ossos foram encontrados, tanto de animais, como de seres humanos. O mais antigo fóssil humano já encontrado nas Américas foi desenterrado a poucos quilômetros das margens do Rio das Velhas. Os ossos eram de uma mulher de 1,50 metros de altura e com cerca de 20 anos de idade. Ganhou o nome de Luzia, dado pelos arqueólogos que a estudaram.

Os traços culturais do seu povo puderam ser estudados parcialmente. Luzia tinha a habilidade de iniciar um fogo, por meio da fricção de gravetos, de trançar uma cesta para coletar côcos e raízes comestíveis, caçar pequenos animais, e pescar com anzóis feitos com ossos. Morreu acidentalmente, ao cair no escuro de uma caverna, e não recebeu os rituais de sepultamento típicos da sua tribo. O fato surpreendente é que o estudo do seu crânio, assim como de outros fósseis contemporâneos a ela, mostraram características negróides, mais parecido com a fisionomia dos africanos.

Portanto, um formato de face bastante diferente dos indígenas posteriores, que chegaram às Américas, pelo mesmo roteiro, nos últimos oito mil anos, que apresentam faces com características asiáticas. Estes achados antigos da bacia do Rio das Velhas chamaram a atenção do mundo. Assim, a região de Lagoa Santa tem importância reconhecida internacionalmente na área da arqueologia e paleontologia.

A ocupação humana seguinte ocorreu no período colonial, quando os bandeirantes vasculharam toda região em busca de ouro e pedras preciosas. A mais famosa expedição da época foi a comandada por Fernão Dias, no final dos anos 1600, que ganhou fama como o "caçador das esmeraldas". Muitas outras bandeiras palmilharam cada recanto, garimpando e aprisionando índios para o trabalho escravo. Foi tamanha a captura dos nativos que a grande maioria das tribos indígenas foi extinta.

Os bandeirantes fundaram as primeiras cidades de Minas Gerais, todas próMANUELZÃO · 07.2015 HISTÓRIA 5

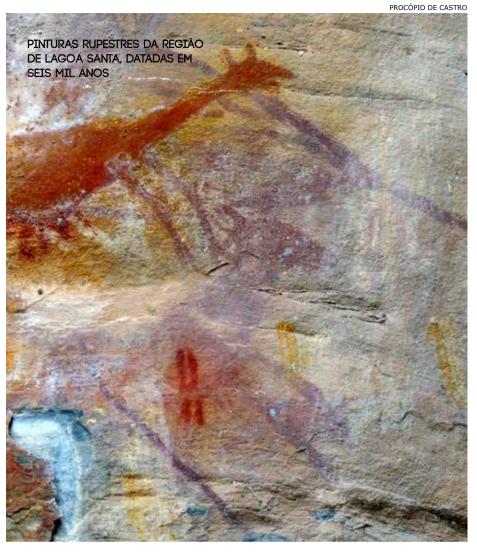
ximas ao Rio das Velhas: Ouro Preto, na sua nascente, e a poucos quilômetros, na bacia do Rio Doce, a cidade de Mariana. E ainda na bacia do Velhas: Sabará, Caeté e Santa Luzia. Parte do município de Diamantina, fundada nos anos 1700, pertence também à bacia hidrográfica do Rio das Velhas. O rio, e toda a sua bacia, sofreram muito com o garimpo, com o desmatamento, inclusive das matas ciliares, e depois com a exploração das montanhas regionais, ricas em minério de ferro. E sofreram também com a poluição originada nos centros urbanos, que utilizam os curso d'água como destino para todo o tipo de esgoto e lixo.

Apesar da degradação ambiental dos últimos séculos, a cultura regional sobreviveu com criatividade e firmeza. Isso pode ser constatado no depoimento de moradores, como, por exemplo, sempre valorizam as memórias de suas cidades e vilas. Nos relatos emocionados e saudo-

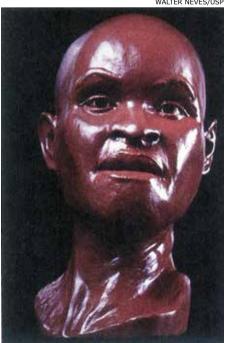
APESAR DA
DEGRADAÇÃO
AMBIENTAL, A
CULTURA REGIONAL
SOBREVIVEU COM
CRIATIVIDADE
E FIRMEZA

sistas sobre os vestígios da navegação, em barcos apelidados de "gaiolas", que desciam o rio em direção à Bahia, e o subiam no retorno. E dos restos da extensa rede ferroviária iniciada no tempo do Brasil Império, com suas patéticas marias-fumaça. Também, nos atuais grupos organizados de dança, música, teatro e na fértil produção literária dos seus habitantes, que resistem ativos, mesmo com a falta de estímulo de órgãos governamentais. No orgulho em preservar as receitas antigas da típica culinária mineira e na apreciação, nem sempre moderada, dos derivados alcoólicos à base da cana-de-açúcar, cada um deles com sua história de muitas décadas e de muitas gerações de cultivadores, produtores e consumidores.

Atualmente, a bacia hidrográfica do Rio das Velhas tem uma população de aproximadamente quatro milhões e meio de habitantes, espalhados em 51 municípios, que englobam inclusive a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Vários grupos organizados estão lutando em defesa



WALTER NEVES/USP



LUZIA: A PRIMEIRA MINEIRA

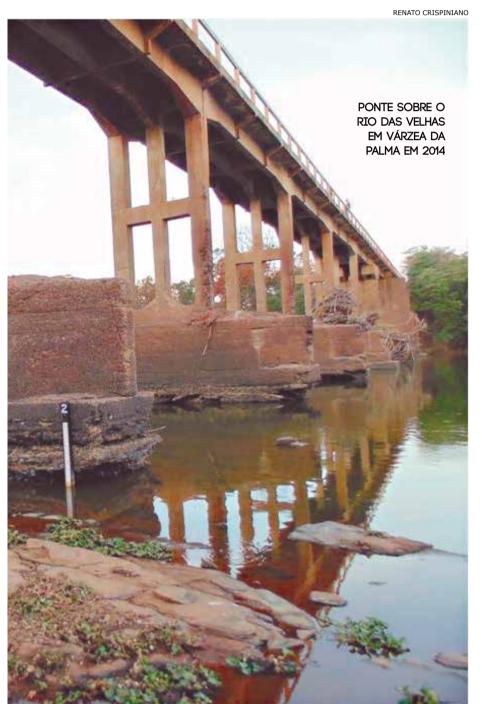
do rio, de seus afluentes e de suas milhares de nascentes. O Projeto Manuelzão, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais, orgulhosamente faz parte deste grupo de entidades.

Além de nossa participação cotidiana em defesa do rio, já promovemos cinco FestiVelhas, todos com o objetivo de conciliar as agendas ambiental e cultural. O primeiro, em 2005, na cidade de Morro da Garça; o segundo, em 2007, em Jequitibá; o terceiro, em 2009, itinerante por seis cidades da bacia do Velhas (Ouro Preto, Santa Luzia, Curvelo, Presidente Juscelino, Várzea da Palma, terminando em Belo Horizonte); o quarto em Belo Horizonte; e neste ano, quando é comemorada a maioridade do Projeto Manuelzão, pois chega aos 18 anos de existência, e 10 anos do primeiro FestiVelhas, a cidade escolhida foi Itabirito. Mais uma vez, teremos a oportunidade de valorizar as várias formas de expressão da rica cultura da bacia hidrográfica do Rio das Velhas, fruto de vários séculos de ocupação de toda a região pelo Homo sapiens.

6 CRISE E CULTURA MANUELZÃO · 07.2015

A CRISE ESTÁ NAS RUAS E POR ISSO A DEMOCRACIA TEM VALOR. ELA NOS TIRA DA ZONA DE CONFORTO E NOS OBRIGA A PENSAR, REFLETIR E REAGIR

## UMA NOVA CULTURA PARA **ALÉM DA ESCASSEZ**



MARCUS V. POLIGNANO Professor e Coord. do Manuelzão

Nada melhor que um contexto de crise para nos dar a sensação de que a vida muda, que a história anda e precisa ser mudada. A crise nos faz importantes, pois fazemos parte dela e passamos a ser ouvidos.

A crise está nas ruas, na academia, na política, e por isso a democracia tem valor. Ela nos tira da zona de conforto, do esperar acontecer e nos obriga a pensar, a refletir sobre o porquê de chegarmos a este ponto e como reagir. A crise nos tira as certezas que julgávamos ser verdades absolutas e eternas, nos tira o chão e nos precipita no voo. O voo nos leva a buscar novas referências e novos caminhos. Não chegamos à escassez hídrica por acaso, mas por um caminho que a nossa cultura construiu.

A nossa cultura elaborada socialmente e perpetuada através da reprodução do conhecimento nos levou a pensar e agir sobre o ambiente de forma arrogante e prepotente. Nos posicionamos acima de todas as espécies, da biodiversidade, do planeta e até da própria vida.

Fizemos do planeta Terra uma "grande oportunidade de negócios", e resolvemos consumi-lo como forma de geração de riqueza. Esquecendo que a maior riqueza do planeta é a própria vida. E nem mesmo poupamos os da nossa espécie. Matamos e violentamos até os nossos próprios irmãos.

Nossos rios não ficaram imunes a este processo de destruição coletivo. Eles estão morrendo de sede, pois não tem água. Antes eles nos alimentavam, hoje morrem de sede.

Mas a crise é uma escola, e nos ensina. Neste contexto, descobrimos que as empresas de saneamento não produzem água, mas apenas tratam e distribuem o que captam de nossos mananMANUELZÃO · 07.2015 CRISE E CULTURA 7



QUE PRESERVAR SEJA A PREOCUPAÇÃO BÁSICA DA SOCIEDADE. NO FESTIVELHAS, A POPULAÇÃO ESPEROU OS CAIAQUEIROS

ciais. Que estes dependem de sistemas naturais complexos que requerem áreas de recarga, solo permeável, áreas de proteção, vegetação e nascentes para se manterem vivos.

Ao longo de nossa história geramos uma cultura de degradação e de morte lenta dos rios, e assim passamos despejando esgotos domésticos, efluentes industriais e minerários para dentro dos cursos d'água. As nascentes foram degradadas, aterradas e enterradas e córregos deixaram de ser perenes para se tornarem intermitentes. Com isso, os afluentes deixam de alimentar o Rio das Velhas, que como outros, deixam de alimentar o São Francisco. Assim vai se formando um cemitério de rios.

A crise nos ensina que a degradação não é conceito, mas uma instituição, pois nossa cultura legitima e reforça este modelo com o argumento do crescimento a qualquer custo. A escassez não é somente hídrica. Ela também é ética, política, de falta de compromisso com a questão ambiental, com a justiça social e com as gerações futuras.

Portanto, há muito o Projeto Manuelzão defende que as mudanças necessárias e fundamentais tem que vir através da cultura. De uma cultura que seja "permeável" a água e comprometida com a vida. Uma cultura que entenda cada nascente como expressão do nascimento da vida e da necessidade de preservação, que torne as cidades "permeáveis", deixando os rios existirem e seguir seu caminho natural sem poluição.

Que preservar e não poluir seja a preocupação básica e fundamental de qualquer empreendimento, que poupar anteceda em muito o consumir; que a responsabilidade com a vida se torne o compromisso maior e essencial da sociedade. Infelizmente, nossa atual cultura é da escassez, que representa o fim de um modelo. Continuar a reproduzi-lo é levar o

NÃO CHEGAMOS À ESCASSEZ HÍDRICA POR ACASO, MAS POR UM CAMINHO QUE A NOSSA CULTURA CONSTRUIU processo a exaustão total, da qual com certeza não teremos salvação.

A crise só não pode nos privar de futuro, pois nela também há os oportunistas que ao invés de procurar rever conceitos, querem apenas vender soluções simplificadas do mesmo. Repetindo modelos e não pensando o novo. A crise tem que ser uma ponte para novos paradigmas e não para o precipício. Nela os prejuízos são socializados.

Assim, apesar da escassez de água, da energia e do ambiente, o lucro que não cessa a mudança de modelos não é discutido. É possível aumentar as tarifas, garantir os lucros do capital e socializar a má gestão de serviços e do modelo ambiental, seguindo a expressão-símbolo do liberalismo econômico "laissez faire, laissez aller, laissez passer", que significa literalmente "deixai fazer, deixai ir, deixai passar".

Nesse contexto, o FestiVelhas Manuelzão convoca a todos para refletirem e pensarem sobre este estado de coisas, resgatando as raízes históricas e culturais para entender que somos fruto desta fusão de ideais, energias e expressões. Temos que utilizar isso para resgatar a história do Rio das Velhas para que possamos reconstruí-la de outra forma para o futuro.

8 AUTONOMIA E AÇÃO MANUELZÃO · 07.2015

## **AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO NA** GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

## DIÁLOGO E CONSTRUÇÃO COLETIVA SÃO CHAVES NA FORMAÇÃO AUTÔNOMA

CARLA WSTANE RODRIGO LEMOS MARCUS V. POLIGNANO

Autonomia pode ser entendida como um conceito aplicável à instituições ou pessoas que possuem a capacidade de se autogerir, de estabelecer as suas próprias regras, sem imposições de outrem. A autonomia é o andar sozinho, com as próprias energias, ciente e responsável de suas ações e do contexto em que se insere.

O oposto da autonomia é a heteronomia que representa a incapacidade de reconhecer a origem das regras, de obedecer cegamente sem compreender e sem questionar as formas como as coisas se constroem. Por isso, como é oposto à heteronomia, a autonomia deve pressupor a transgressão e o questionamento às regras externas; não significa negar as estruturas externas, mas sim reconhecer essas estruturas e de forma crítica poder discordar e mudá-las se assim for necessário.

A autonomia não deve se formar pelo isolamento, mas deve se consolidar pelo diálogo e pela construção coletiva, ela é uma travessia, uma construção contínua desenvolvida pelas práticas e diálogos cotidianos. O professor Paulo Freire, nesse sentido, nos ensina que a autonomia é "amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiência respeitosas da liberdade". (FREIRE, p. 67, 1997)

Acreditamos que é possível entendermos autonomia como uma sucessão de conquistas que permitam a transgressão e a construção diferenciada a partir da perspectiva dos sujeitos. A autonomia é um conceito que pode ser utilizado para se pensar pessoas e instituições, mas como discutir a aplicação do conceito de autonomia a uma instituição complexa, plural e conflituosa como os comitês de bacia e os subcomitês?

Segundo a Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei 9433/97), "a gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades" (BRASIL, 1997). Os comitês são compostos por diferentes (e conflituosos) atores e deve buscar o diálogo, procurando aprimorar o entendimento entre esses entes, compartilhando experiências e promovendo novas formas de atuar no território. Os rios são apropriados de múltiplas formas pelas sociedades modernas – além de importante recurso –, são vistos também como potenciais instrumentos políticos por meio da dinâmica social que os envolve.

A autonomia é um pré-requisito para a valorização do outro e de sí próprio. Acreditamos que pessoas autônomas reconhecem seus limites e suas incertezas, assim como valorizam os diversos saberes individuais e coletivos, saberes que nem sempre são técnicos. Para se ter uma reflexão sobre a autonomia dos comitês de bacias, é preciso pensar em como se constroem espaços de encontro do complexo, como se possibilita a participação de vários tipos de sujeitos na gestão das águas de forma justa, e da mesma maneira, como se promove a descentralização dos poderes em condições distintas de existência.

Aqui é preciso destacar a importância de um processo dialógico de debate, que priorize e reconheça a existência de realidades desiguais e conflituosas no seio dos comitês de bacias. Além da gestão do substrato espacial (o rio e sua bacia) é preciso gerir também as relações sociais que ali se encontram. Na prática muitas contradições podem existir e a gestão compartilhada das águas deve permitir que uma pluralidade de interesses, muitas vezes conflitantes e supostamente incompatíveis, se encontrem. Mas como é possível diálogo se temos instâncias e estruturas tão diferentes e tão desiguais. Como pode haver diálogo entre o Estado, as grandes empresas usuárias de água, as comunidades ribeirinhas e as organizações da sociedade civil? Como dialogar se os atores possuem O COMITÊ TEM DE
IR ALÉM DE SUAS
CAPACIDADES ...
O COMITÊ TEM DE
SER UM ESPAÇO DE
QUESTIONAMENTO
E TAMBÉM DE
TRANSGRESSÃO,
ONDE SE CONSTRÓI
POLÍTICA PÚBLICA A
PARTIR DAS ÁGUAS
E PELAS ÁGUAS

capacidades técnicas e articulações políticas tão discrepantes e desiguais? É justamente devido à existência de discursos distintos, dessa estrutura desigual, que se precisa visar à autonomia de seus participantes, apenas assim podemos construir relações menos desiguais e consequentemente mais justas, efetivando condições de negociar interesses tão discrepantes. Nessa perspectiva a autonomia é entendida como um processo de conquista social, conquista de grupos que hoje conseguem construir uma sociedade que se auto-questiona, que se desconstrói e reconstrói a partir das necessidades e interesses coletivos.

Não existe receita de bolo. Mas, ao olhar para trás e ver o caminho percorrido pelo Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, é possível perceber a busca por autonomia em momentos de sua existência. O CBH Rio das Velhas buscou efetivar o que preconiza a Lei 9.433/97 ao publicar a Deliberação Normativa 02/2004, que instituiu seus Subcomitês: com "finalidades propositivas e consultivas, cada um a sua maneira, como formas efetivas de descentralização do planejamento e da gestão territorial" (SEPULVEDA, p. 5, 2012). Avan-

MANUELZÃO · 07.2015 AUTONOMIA E AÇÃO 9



É PRECISO CONSTRUIR POLÍTICAS A PARTIR DAS ÁGUAS E PELAS ÁGUAS

çou no sentido de descentralizar a tomada das suas decisões, compartilhando poderes com representantes de toda a bacia. Além desses espaços de diálogo, que são os subcomitês, é importante lembrar também atuação na bacia do rio das Velhas, do Projeto Manuelzão, que criou um movimento social em prol de rios vivos. A existência dos Núcleos Manuelzão, que compartilham informações, discutem e definem ações locais para solucionar problemas ambientais e sociais.

É possível aos comitês terem autonomia, uma vez que são amarrados de forma heterônoma às estruturas e às competências jurídicas e normativas? É possível que o CBH seja mais que uma instância de decisão de alguns instrumentos de uma política setorial e restrita? Queremos que o CBH faça mais do que analisar instrumentos da gestão de recursos hídricos! Acreditamos que é possível que os Comitês, seguindo com seu tempo e suas condições limitadas, possam desenvolver autonomia, partindo de um movimento social e de um forte imaginário na mente dos sujeitos. O Comitê tem de ir além de suas capacidades normativas e jurídicas para efetivar uma

gestão territorial social e ambientalmente mais justa; o comitê tem de ser um espaço de questionamento e também de transgressão, onde se constrói política pública a partir das águas e pelas águas.

Se gueremos a autonomia isso significa o direito de discordar uns dos outros, mas este discordar deve ser propositivo, deve consequir questionar as estruturas e propor adequações. É preciso permitir a mudança em um legítimo espaço de diálogo e construção. Sabemos que para que um espaço de diálogo legítimo seja construído, é preciso que os agentes da sociedade civil, acreditem em sua própria força, escavem e briguem pela construção de um tipo de participação igualitária. Isso se dá, entre diversas outras ações políticas, na formulação, desenvolvimento e avaliação dos projetos que são comuns a todos. Essa é uma forma de explicitar as diferenças, fazendo desvelar o sentimento de corresponsabilidade de todos nos processos de construção de um projeto público.

Da mesma forma deve ser entendimento do Estado que a democracia parte também da construção de condições para a participação coletiva. Uma relação que possa permitir a liberdade de negociação entre vários atores sociais se estabelece quando gera a sensação de interdependência envolvendo o Estado e a sociedade.

Discutir autonomia significa discutir as relações de poder que existem e as responsabilidades que geram. E justamente, por este motivo, grupos sociais precisam constantemente fazer valer a autoridade que lhe é legítima. A autonomia que se quer construir não está apenas em paridade quantitativa, mas na qualidade de sua participação, no respeito à liberdade de expressão e no poder de transformação. Para isso, é preciso exercitar uma democracia que se reinventa no cotidiano, entendendo isto como certo alargamento da política, trazida para os lugares de experimentação da vida. Os caminhos percorridos pelos conselheiros devem permitir o diálogo entre diversos saberes e práticas e, na direcão de somar conhecimentos aos níveis de consciência dos sujeitos, se deixar deslocar, buscando perceber formas de ser e atuar no mundo.

Não existe uma fórmula de como ter autonomia, mas existem formas de conduzir escolhas, de ter atitudes e comportamentos coerentes com o que se almeja em grupo. Para isso é preciso navegar, nadar, atravessar o rio, o que não se encerra em operacionalizar as ações. É preciso reavaliar constantemente nossas práticas, capacitando os conselheiros, convidando outros atores, ampliando o debate na direção do horizonte que se quer alcançar. Que sejamos também capazes de reconhecer a origem deste movimento, do seu imaginário transgressor que faz de sua autonomia uma travessia, uma construção contínua e também um estado a ser atingido em sucessão de pequenas conquistas. •

#### **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Brasil. LEI DAS ÁGUAS. Lei 9.433, de 08 de Janeiro de 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/LEIS/L9433.htm; acesso em 04 de maio de 2011.

SEPULVEDA, Rogério. Descentralização participativa por meio dos subcomitês na bacia hidrográfica do rio das Velhas/Brasil. VI Fórum Mundial das Águas. Marselha/França, fev. 2012.

10 SUSTENTABILIDADE MANUFI 7ÃO · 07.2015

## A RELAÇÃO PREDATÓRIA PRODUZ EUFORIAS **CONSUMISTAS INCONSEQUENTES**

## O FALSO DISCURSO

## DA SUSTENTABILIDADE

ANÔNIMO, 1780; COLEÇÃO J.F. ALMEIDA PRADO IEB/USP

PROCÓPIO DE CASTRO Pres. do Instituto Guaicuy

Como nossos hábitos, costumes e ações conduzem e nos transformaram numa sociedade que privilegia a abundancia momentânea, o consumo exacerbado? Porque mantemos o discurso de sustentabilidade praticando o desperdício e a dilapidação dos recursos planetários que estão nos conduzindo a quadros sombrios futuros, onde a gestão não será mais de riquezas e sim da escassez? É preciso debater esta condição humana e nos colocar em estado de alerta para que possamos repensar nossos valores e recuperar a consciência e o cuidado com os bens disponíveis, cujo acesso a estes bens aparentemente ilimitados, aconteceu muito recentemente na história humana. Este acesso fácil trouxe benefícios indiscutíveis à humanidade é também o que foi, em pouco mais de um século, o responsável pela degradação planetária em intensidade maior do que todo nosso passado.

A relação predatória e de muitas facilidades tem produzido euforias consumistas e inconsequentes. Em pequena parte da população, representada perfeitamente no perfil egocêntrico dos "yuppies" na década de noventa, onde o "eu sou, eu posso", se refletiu no modo de vida, e cultura e arte de toda uma geração que almejava atingir aquele patamar idílico de sucesso e estilo de poder, na realidade insustentável, logo se mostrou uma bolha explosiva de falsa riqueza. A crise que se seguiu, infelizmente, parece não produziu aprendizado contra o desenvolvimento a qualquer custo. As nações continuam, junto com o sistema capitalista, na prática do modelo de corrida pela geração de riqueza acumulativa de rendas descomunais para poucos e socialização dos prejuízos. O capitalismo tem seus méritos, pois foi o sistema que permitiu os avanços tecnológicos e de acessos para grande parte da humanidade, mas que necessita de correções para que aprenda a distribuir social e igualitariamente seus resultados, promovendo o equilíbrio entre pobres e ricos. Esta é a seara de políticas públicas nacionais e transnacio-



EXTRAÇÃO DE OURO POR LAVAGEM DE BARRANCA AURÍFERA NO RIO DAS VELHAS

nais a ser aprimorada, principalmente pelo desenvolvimento de valores para além dos meramente econômicos e que reduzam as perdas dos excedentes produzidos fomentando e praticando uma distribuição mais eficiente e igualitária.

Não é possível querer produzir cada vez mais e se jogar fora o excesso de produção quando o preço não é aceitável apenas na visão do capital e do lucro. Esta é a hora de ações do Estado regulador e fomentador de políticas pela nação e pela distribuição das benemesses. O planeta não aquenta o modelo do sempre mais e mais. A cultura do desperdício esta acabando com os recursos naturais em suas fontes mineração/produção, e no seu fim com a geração cada vez maior de resíduos, que apesar de serem matérias primas em potencial, são tratadas apenas como lixo descartável e que nesta quantidade e por sua composição contaminam todo o planeta, desde o solo, onde são jogados aos cursos d'água, e ao mar, formando uma triste pegada ecológica de passivos insustentáveis. A obsolescência programada estimula o desenvolvimento de novas tecnologias e

novos mercados, mas seu exagero, praticada sem políticas publicas transnacionais de mínimo controle, tem consumido o estoque de matéria prima, exigindo outros planetas para esgotar a fúria consumista.

A nossa realidade brasileira não é diferente e, sim, possuidora de agravantes no modelo civilizatório imposto pelos europeus portugueses que aqui não vieram para morar e sim extrair riquezas de forma predatória e rápida. Modelo este, que a bacia do rio das Velhas foi palco preferencial por sua riqueza mineral, em especial o ouro. Queimadas eram praticadas pelos bandeirantes a partir das margens dos rios (Warming in Lagoa Santa 1908), instituindo a prática da destruição da vegetação em prol do interesse imediato. Prática que também norteou a agricultura nos últimos séculos com o nome de coivara para abrir novos campos de cultivo, trazendo grandes prejuízos para as terras, promovendo o seu rápido esgotamento pela lixiviação do solo e a perda da biodiversidade. Criou-se uma cultura e uma prática que até hoje persiste e é difícil de ser erradicada.

O modelo da mineração do ouro

MANUELZÃO · 07.2015 SUSTENTABILIDADE 11

promoveu desvios de cursos d'água para lavagem de barrancas auríferas, assoreando os rios, segundo o geólogo alemão Barão de Eschewege: "Revolvendo-se frequentemente as cabeceiras dos rios, estas se carregam cada vez mais de lama, a qual se foi depositando sobre a camada rica, alcançando de ano para ano maior espessura, tal como vinte, trinta e até mesmo cinquenta palmos. Por este motivo, as dificuldades tornaram-se tão grandes, que não se pode mais atingir o cascalho virgem." (ESCHWEGE, 1833, p. 168) apud Guedes. O assoreamento histórico, por causas naturais e minerárias, atingem até 12 metros conforme estudos realizados na calha do rio do Velhas por Giovana Parizzi et al (2011): "Geofísica e sedimentologia aplicadas à avaliação do grau de assoreamento de trecho do Rio das Velhas em Rio Acima, Minas Gerais".

Este mesmo modelo extrativista adotado pela mineração do ferro e outros minerais, resulta em imensos passivos que extrapolam a área das minas. Um modelo relegado ao extrativismo sem preocupações em se desenvolver as fases sequenciais dos processos produtivos em que outros valores são agregados aos produtos finais por adição de tecnologia. O Rio das Velhas é testemunha dos assoreamentos, das contaminações químicas, dos desmatamentos, dos passivos históricos de cavas não recuperadas e do esgotamento de recursos e de insegurança de um futuro incerto para quando o mineral acabar. O resultado desta cultura predatória nos direciona para sermos gestores da escassez que o modelo produz.

#### A ESCASSEZ DA ÁGUA

A nossa forma de agir construiu um modelo civilizatório que claramente conduz a escassez deste líquido precioso, seja por conduzir à sua falta, seja por contaminá-la. Isto se reflete claramente na expressão "tempo bom" que significa sol de rachar. Esta expressão reflete nossa cultura de expulsão da água praticada na impermeabilização dos quintais, na eficiência dos sistemas de drenagem, nas retificações dos rios, na destruição dos sistemas naturais de absorção, como os alagadiços e matas ciliares.

Depois que a água desaparece pensamos em soluções emergenciais da reservação, sem praticar a recuperação dos sistemas naturais produtores de água. Uma floresta absorve a água da chuva e a libera lentamente por longos períodos. Em nossas cidades impermeabilizadas a absorção é muito baixa e a água é liberada com muita rapidez.

#### COMPARAÇÃO RURAL E URBANO

No campo á água é absorvida pela vegetação e pelo solo e demora para escoar enquanto na cidade impermeabilizada ela se esvai rapidamente provocando enchentes e outros problemas.

Culturalmente viramos as costas para o rio e nele jogamos nossos dejetos humanos e industriais como sendo a coisa mais normal a se fazer. Realmente o rio tem capacidade de depuração, mas esta nunca foi sua função, que é prioritariamente a de fornecer base de vida para todos os seres vivos. Quando o usamos para limpar nossa sujeira o estamos poluindo e prejudicando a todos os que dele ainda necessitarão fa-

zer uso. Esta é a mentalidade mais perversa no modo que lidamos com a água, pois transfere aos outros o prejuízo da nossa inconsciência. O resultado é que rios que poderiam ser fonte de vida se tornam em locais evitados, malcheirosos, perigosamente poluídos: rios mortos produtores de doenças e mortes. Rios que para serem provedores de água para consumo humano e industrial necessitam de tratamento cada vez mais caros e na natureza produzem a escassez de vida, pois ela não têm como reagir. O produto final é a mortandade de peixes que nos faz lembrar o que diz o lema do Projeto Manuelzão: "o destino do peixe anuncia o nosso".

Temos que mudar este paradigma ou nunca produziremos sustentabilidade e nossa herança para as próximas gerações será apenas a escassez. ◆

#### **REFERÊNCIAS**

WARMING, Eugênius. Lagoa Santa: a Vegetação dos Cerrados brasileiro por Ferri, Mario G. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da USP, 1973.

GUEDES, Valdir Lamim. Uma análise histórico-ambiental da região de Ouro Preto pelo relato de naturalistas viajantes do século XIX. Disponível em: https://naraiz.wordpress.com/2010/11/05/uma-analise-historico-ambiental-da-regiao-de-ouro-preto-pelo-relato-de-naturalistas-viajantes-do-seculo-xix/. Acessado em 12-06-2015

M.G. PARIZZI, et al. / Geofísica e sedimentologia aplicadas à avaliação do grau de assoreamento de trecho do Rio das Velhas em Rio Acima, Minas Gerais - Geonomos, 19(2), 152-162, 2011.











ÁREA RESIDENCIAL







ÁREA URBANA





**ESCOAMENTO** 

10 A 20% INFILTRAÇÃO

80 A 90% **ESCOAMENTO** 

40 A 50% INFILTRAÇÃO

50 A 60% **ESCOAMENTO** 

90 A 100% INFILTRAÇÃO

0 A 10% 12 ÁGUA E CULTURA MANUELZÃO · 07.2015

# POR UMA C U L T U R A DA ÁGUA

HÁ DIFERENTES CULTURAS DA ÁGUA E DIFERENTES FORMAS DE REFLEXÃO A RESPEITO DESSE RECURSO. ESTAS CULTURAS SÃO POVOADAS POR DISCURSOS QUE SÃO DE UMA SÓ VEZ MANIFESTAÇÕES ESTRUTURANTES, REGULADORAS E INSTRUTIVAS DE AÇÕES. A CULTURA NÃO É UMA, MAS MULTIFACETADA E VARIADA QUANTO A PRÓPRIA HUMANIDADE.

RENATO CRISPINIANO

água é inseparável do fenômeno da vida. É um recurso que compartilhamos com o resto dos seres vivos. Do ponto de vista antropocêntrico, a importância da água na vida se reflete de muitas formas e entender que isto é fundamental para conseguir uma gestão adequada deste recurso é primordial para se caracterizar uma cultura da água.

"Cultura pode ser entendida como sendo um conjunto de características humanas que não são inatas, ou seja, não nascem com os indivíduos", afirma a professora doutora em Administração e Mestre em Turismo e Meio Ambiente, Fernanda Matos. Para ela, essas características culturais se desenvolvem, preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade, associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva.

Portanto, como explica, a cultura é fortemente influenciada por seu ambiente. "Assim, as condições geográficas influenciam toda a cultura de seus habitantes. Onde a cultura determina o meio ambiente, e, também é determinada por ele, adaptando às condições externas importantes a fim de elevar a qualidade de vida", declara.

Ao relacionar a questão cultu-

ral à água, ela faz um paralelo e revela os simbolismos destes termos na história. Os egípcios estabeleceram uma rica civilização às margens do Rio Nilo. "O rio favoreceu a produtividade da terra e serviu de acesso às fontes de matérias primas".

#### HÁ UMA ESCASSEZ DE CULTURA?

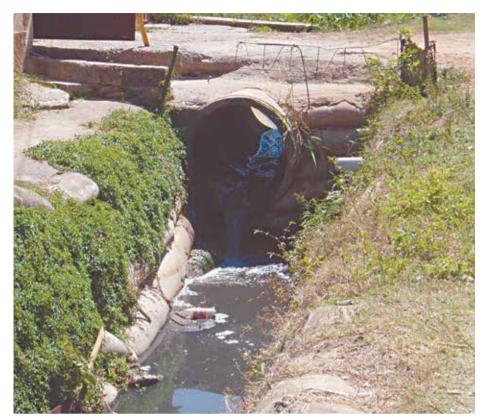
Atualmente muito se fala em escassez de cultura, seja no que se concerne a palavra, como um conjunto de características humanas, ou num contexto social e econômico. Para Fernanda Matos, não há uma escassez cultural, pois cada cultura é o resultado de evolução histórica e sua relação com outras culturas. "Nesse sentido, a cultura é o meio de adaptação do homem aos diferentes ambientes. Existem dois tipos de mudança cultural: interna, que resulta da dinâmica do próprio sistema cultural. Esta mudança é lenta; porém, o ritmo pode ser alterado por eventos históricos, como catástrofe ou uma grande inovação tecnológica. E a mudança externa, que é resultado do contato de um sistema cultural com outro. Esta mudança é mais rápida e brusca", esclarece.

"Os rios favoreceram o desenvolvimento urbano e agrícola, mas esse crescimento tem ocasionado a 'morte' de vários deles, ao transformá-los em meio de escoamento de esgoto. Os rios urbanos sofrem com a poluição, o assoreamento,

o mau cheiro (a Lagoa da Pampulha, por exemplo), o desvio de seus cursos, a destruição das matas ciliares, mudança de coloração, incapacidade de uso original de seus recursos (por exemplo, o Rio Tietê e o Rio Iguacu)", disse.

A professora do Departamento de Antropologia e coordenadora do Gesta (Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais)/UFMG, Andrea Zhouri, também considera que não há escassez de cultura, mas uma despolitização da sociedade. "A ideia de escassez é própria da cultura ocidental, que pensa a natureza fora como algo que é delimitado. Há na verdade um problema e ele é político. Há uma escassez política, vivemos na verdade uma crise de má distribuição do poder na sociedade. Pequenos grupos têm o poder de definir como as coisas devem ser para a maioria. O poder está mal distribuído e com ele, o meio ambiente também", afirma ao ressaltar que: "cultura não é sabedoria, não é informação e nem acesso a determinado atendimento. Ela é uma forma de ser no mundo. É a introdução do ser no mundo, são formas de existir no mundo".

"È preciso resgatar a política em todos os níveis. E isso significa abrir o debate à diferença de opiniões, incorporá-la, ouví-la e abrir espaços para o contraditório. A despolitização do debate ambiental de certa forma banil o dissenso, a oportuMANUELZÃO · **07.2015** ÁGUA E CULTURA 13





O CONTRASTE ENTRE A CULTURA DE DEGRADAÇÃO DOS CÓRREGOS POLUÍDOS E AS NASCENTES LIMPAS: PRESERVAR É PRECISO

nidade do não. Fica um debate em torno dos meios e esquecem os fins, sobre o que queremos da sociedade. Qual o projeto político e modelo de sociedade querem construir?", acrescenta Zhouri.

#### AMBIENTE GEOGRÁFICO E CULTURA

"O ambiente não determina o tipo e o grau de cultura dos povos, mas limita ou favorece o desenvolvimento de uma cultura", afirma Matos. Para ela, quanto mais uso e aproveitamento uma cultura faz do meio geográfico, tanto mais dependente ela fica. Ou seja, o domínio do homem sobre a natureza o torna cada vez mais dependente desses recursos.

"Desempenhando um leque de funções, a água é utilizada para cultivo e produção de alimentos, como símbolo político e cultural, bem como um local para entretenimento, lazer e esportes. Ao longo da história da arte a água também aparece em esculturas, pinturas, objetos, além de música e literatura. A representação do elemento aquático na arte ocorreu também por meio de alegorias mitológicas, como os personagens Netuno, Narciso e as sereias", argumenta Matos ao revelar que as representações culturais das águas variam segundo as culturas, as religiões, o habitat em que se desenvolveram, sua maior ou menor disponibilidade e sazonalidade.

As comunidades aprenderam a

conviver com a sazonalidade do ciclo da água. "Os ribeirinhos amazônicos e pantaneiros vivem ao sabor das cheias e vazantes, expandindo sua vida social durante o período de estiagem e restringindo-a durante a subida das águas", exemplifica Fernanda Matos ao destacar que ao percorrer as cidades, pode-se perceber também a incorporação da água como elemento natural ao ambiente construído pelo homem, como fontes (os chafarizes das cidades históricas mineiras, os monjolos e rodas d'água), pontes, aquedutos, barragens, dentre outros que são partes do patrimônio cultural; presentes também no paisagismo com a valorização da paisagem dos espelhos d'água e lagos urbanos.

Nas religiões, ela também destaca que o uso ritual da água segue um ritmo de envolvimento crescente que vai desde a simples aspersão, até a total imersão. Para se livrarem do ciclo de reencarnações, os hindus mergulham nos rios considerados sagrados, como o Ganges. Os judeus se purificam pelo banho ritual. Os muçulmanos lavam os pés, os braços e o rosto antes da oração. Do mesmo modo, o cristianismo incorporou, no sacramento do batismo (presente também em outras denominações religiosas) o simbolismo de regeneração que a água irradia, e o uso da água benta. No espiritismo tem-se o uso da água fluidificada, no qual, segundo a

crença, fluidos medicamentosos são adicionados à água. Nas tradições afro-brasileiras têm-se também elementos relacionados à água.

Entre os usos múltiplos da água, o turismo depende de forma direta da existência de patrimônio hídrico com potencial cênico e paisagístico. No Brasil, parte significativa das localidades com atividades turísticas ou com potencial turístico - como é o caso da Serra do Gandarela, em Minas Gerais -, a água torna-se um atrativo. Nesse contexto, é relevante a articulação da gestão de recursos hídricos com a gestão do patrimônio cultural.

#### CONSCIENTIZAÇÃO CULTURAL

Falar em cultura da escassez, numa época em que temos muitos caminhos e modos de receber informações, é desafiador, porque vemos sempre no novo, possibilidades diversas. Mas cultura não diz apenas do conjunto dos conhecimentos adquiridos, mas do que é feito desse conhecimento e como ele pode transformar nossas vidas.

A proposta é ir além e fazer com que a identidade das manifestações culturais possa contribuir para o entendimento do processo da atual cultura de degradação e destruição por qual estamos passando, perdendo valores e criando outros que geralmente não consolidam um sentimen-

14 ÁGUA E CULTURA MANUELZÃO · 07.2015

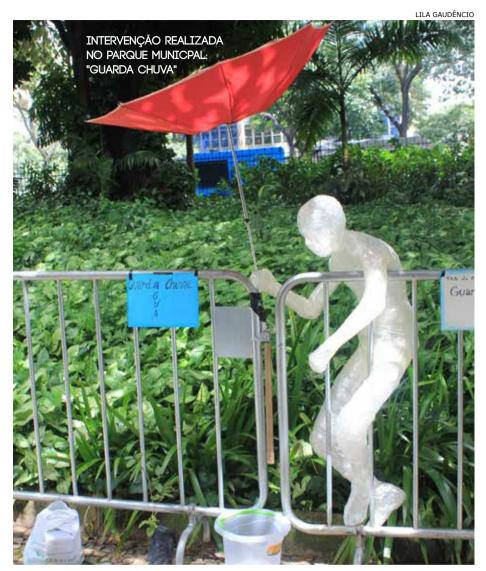
to de pertencimento. No entanto, é preciso despertar a conscientização cultural das pessoas para a necessidade absoluta de uma política cultural, seja ela qual for, como fruto do mais amplo debate, cuja preparação todas as pessoas possam contribuir sem dogmatismos.

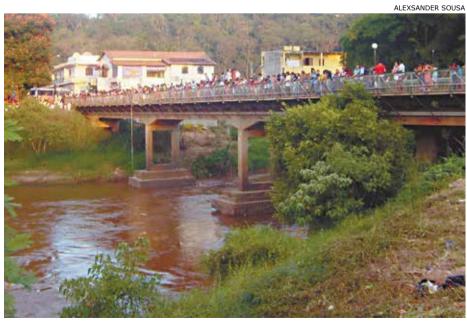
Por isso, é importante sensibilizar criticamente as pessoas sujeitas a um permanente processo de massificação e procurar transformá-las em agentes ativos da criação cultural, pois quando se fala em cultura da escassez, não se quer dizer cultura 'popular' ou 'erudita'; a questão vai além, remete a cultura do que falta, a cultura da miséria de pensamentos e atitudes, pois a escassez cultural se faz na falta de conscientização e efetivação dos fazeres locais.

Estamos nos acostumando a não dialogar com nossa própria cultura e nosso saber local, por isso, é necessário uma substancial democratização da cultura que terá que ser inevitavelmente completada pela descentralização das suas consequências, ou seja, uma cultura germinada, apropriada por todos e que retrate o processo cultural que se deu por diferentes raças, povos, e interesses que forjaram um processo diverso que ora resiste, ora justifica essas acões de degradação.

A escassez não se esgota na cultura enraizada, lógica, pontual, vivida, mas também no ponto de vista social, quando revela as mazelas da sociedade. Do ponto de vista educacional, quando não há uma educação de qualidade quando a população não tem o mínimo necessário para se satisfazer; ora fisiologicamente, ora materialmente. A hora de mudar é agora e o movimento tem que ser o de alertar para a necessidade de um esforço para desconstruir uma cultura poluidora, consumidora e que nos levou a escassez, pois a luta se amplia e vai além da quantidade de água, também se faz na qualidade consciente, mostrada através de uma nova dimensão cultural.

É necessário que haja um compromisso ético e esse passa pela construção de alternativas e exemplos práticos em que as melhorias da qualidade de vida se baseiem na recuperação e conservação dos ecossistemas hídricos e não se limitem apenas a ser compatíveis com eles. Uma das chaves está em reconhecer e entender que um rio é muito mais que um canal de água, do mesmo modo que hoje entendemos que um bosque é muito mais que um armazém de madeira. A questão é entender os valores sociais, culturais e de identidade, tanto territorial como coletiva da água.





ENVOLVER A COMUNIDADE NAS AÇÕES PRÓ-MEIO AMBIENTE FORTALECE A CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA LOCAL

#### DIANTE DOS DESAFIOS ATUAIS, COMO TRABALHAR UMA NOVA PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL?

Penso que hoje a mais danosa questão cultural brasileira seja não a da destruição ambiental em si, mas a do desconhecimento e depois a da omissão perante o fato. Atualmente Belo Horizonte, com seus mais de 3 milhões de habitantes, está ameacada por um projeto de mineração irresponsável (Projeto Apolo) que irá comprometer gravemente seu abastecimento hídrico nos próximos anos. Tudo porque, em outubro do ano passado, foi criado um parque nacional na região da Serra do Gandarela que inexplicavelmente não contemplou locais de imensa importância para a preservação de nascentes responsáveis por 70% do abastecimento da cidade. Este cenário catastrófico iminente não pertence ao diálogo cotidiano da maior parte daqueles que serão diretamente atingidos. Logo, a cultura da destruição ambiental, por parte de segmentos da sociedade, seguer é percebida. Então a função principal do Movimento é a difusão deste conhecimento e suas implicações. Basicamente sensibilizar para mobilizar.

#### HÁ ATUALMENTE UMA CULTURA DA ESCASSEZ? POR QUÊ?

A gestão dos recursos naturais de forma sustentável exige tempo e esforço de todos os setores, sejam eles públicos ou privados. A urgência dos interesses de grandes corporações num país emergente, claramente vulnerável à imposição do capital, implica no atropelamento dos melhores procedimentos. A esse quadro se soma o tão falado enraizamento da corrupção na sociedade e o resultado é a ruptura do compromisso social a longo prazo. Vivemos, antes de todas essas precariedades, a escassez moral, das empresas e do poder público principalmente. Conceder licenciamentos para determinados empreendimentos pode ser o atestado de óbito de todo um contexto cultural. Estamos assistindo isso acontecer em Conceição do Mato Dentro, por exemplo, onde a implantação de uma mina e mineroduto modificou de maneira brusca a qualidade de vida na cidade. Observe o contraste: a menos de 60 km dali, Itambé do



BERNARDO PUHLER Músico e Comunicólogo

O GANDARELA, O FICA FICUS, SALVE A MATA DO PLANALTO E OS NÚCLEOS MANUELZÃO, EM BH, SÃO ALGUNS EXEMPLOS DE MOBILIZAÇÃO POPULAR. PARA O MÚSICO BERNARDO PUHLER, UM DOS COORDENADORES DO MOVIMENTO PELA SERRA DO GANDARELA, A MAIS DANOSA QUESTÃO CULTURAL BRASILEIRA TALVEZ NÃO SEJA A DA DESTRUIÇÃO AMBIENTAL, MAS O DESCONHECIMENTO E A OMISSÃO DO FATO.

Mato Dentro é a cidade com menor índice de violência no Estado. Já Conceição está regularmente no noticiário do crime, algo inacreditável para uma cidade com menos de 10 mil habitantes na zona urbana que era considerada até há pouco tempo a capital mineira do ecoturismo.

## • O QUE ESTARIA LEVANDO AS PESSOAS A ESSA CULTURA?

Fundamentalmente dois pontos protagonizam na construção desse perfil: primeiro o estímulo ao consumo inconsciente e depois fragilidade do sistema educacional de base. Os dois partidos que dominam a política brasileira permanecem alheios à questão ambiental. Há uma disputa pelos números de crescimento do poder de consumo. Fulano comemora que a classe X já pode comprar TV 40 polegadas, mas se esquece que as questões básicas de cidadania continuam inacessíveis. Não há saúde, segurança e principalmente educação de qualidade. Se houve um reposicionamento de receita para uma parcela da sociedade não existiu uma condução deste processo, orientando este novo fator. Veja, por exemplo, o constante estímulo à indústria automobilística com todo seu lobby criminoso que atingiu estratégias de desenvolvimento brasileiro ao longo das últimas décadas e, paralelamente, políticas de transporte público e/ou alternativo totalmente incipientes. Os governos permanecem de mãos dadas com a indústria automobilística e as mineradoras. Enquanto isso, as cidades têm graves problemas de mobilidade e escassez de água. Isso para não dizer outros resíduos. Ainda não sabemos calcular, por exemplo, o que significa a extinção de um bioma tão raro como o campo rupestre sobre as cangas ferruginosas ou os raros trechos de mata atlântica primaria que restaram em Minas Gerais e estão na Serra do Gandarela. O que está evidente é o impacto que representará a perda de um aquífero fundamental.

#### • O QUE REPRESENTA A ÁGUA PARA A CULTURA DE UMA POPULAÇÃO?

Desde cedo aprendemos na escola que o Brasil é a maior reserva de água doce do mundo. Esqueceram de falar, no entanto, que a maior parte da população brasileira não tem acesso à abundância desse recurso, que veio sendo mal gerido pelos órgãos competentes. Penso que esse discurso de nossas potencialidades tem certa culpa no comportamento irresponsável com o meio-ambiente que apresentamos. Trazemos ainda a herança do índio e sua relação plena com a natureza. O índio tomava 3 banhos por dia, no rio, e tais reflexos podem ser vistos na sociedade moderna. Mas o índio não destruía seu habitat e nem jogava esgoto em cursos d'água. A maior parte dos brasileiros hoje tem grande zêlo com a higiene pessoal, mas não tem mais contato direto e diário com a água, a não ser a que saí das torneiras. Não tem mais os rios pra se banhar quando quiser. É esse o ponto onde a adaptação ao meio se deu de maneira equivocada e a água deixou de ter o valor que sempre teve em qualquer cultura no mundo.

#### • O MOVIMENTO ACREDITA NA TRANSFORMAÇÃO CULTURAL PELA MUDANÇA DA REALIDADE?

Achamos que a transformação a partir da cultura é potencialmente uma ferramenta poderosa, de acesso ao coração e à sensibilidade das pessoas. E, por mais que isso pareça ingênuo, ainda acreditamos que este é o melhor caminho. Não podemos crer que as pessoas só irão se movimentar quando não houver mais uma gota de água na torneira. Até por que as possibilidades reais de mudar a grave situação atual estão no "agora", porque qualquer minuto adiante já pode ser tarde demais. ◆

16 REVITALIZAÇÃO MANUELZÃO · 07.2015

## A INFRAESTRUTURA EXISTENTE DEVE SER TRATADA COMO PAISAGEM, INDO CONTRA UMA ARQUITETURA FUNCIONALISTA PARA ALGO MAIS POÉTICO

# POR UMA VISÃO URBANÍSTICA DE INCLUSÃO DOS RIOS

CARLOS M. TEIXEIRA

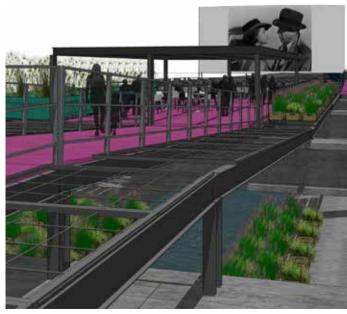
Muito já se falou sobre o descaso para com o Arrudas em Belo Horizonte: O rio foi canalizado e hoje não é mais percebido como um elemento natural. Seu leito natural foi sucessivamente retificado, canalizado e por fim coberto. Seu vale foi transposto por dezenas de viadutos, mas poucas são as passarelas que unem a margem sul e norte para pedestres. Sua topografia corrobora este aspecto de divisor norte-sul: se levarmos em conta que junto ao Arrudas temos a ferrovia que foi aproveitada como trem urbano, há três barreiras paralelas trabalhando juntas: rio, topografia de fundo de vale e ferrovia. Sua presença na cidade só é manifesta como obstáculo e problema (enchente, mau-cheiro, poluição sonora e visual, descuido de áreas públicas, edifícios abandonados). E sua arquitetura, que poderia tirar partido do único elemento natural presente no Centro, é uma arquitetura de serviço, predominando galpões, postos de gasolina, depósitos e vazios urbanos.

O prédio da Rodoviária, por exemplo, situa-se num rotor de modais desarticulados que necessita ser costurado. O que antes era uma várzea do rio separando o Centro do bairro Lagoinha transformouse num mar de viadutos, num complexo de vias expressas bem típico do urbanismo rodoviarista que infelizmente moldou as cidades brasileiras nas últimas décadas. Com a transferência de suas funções para os bairros, seu novo programa pode se transformar numa oportunidade para iniciarmos uma nova relação entre arquitetura e rio.

Urge ir contra aquele urbanismo e privilegiar as áreas verdes, as praças e, principalmente, o resgate da força do simbolismo como potenciais requalificadores da cidade. Ao norte, a Lagoinha precisa de uma melhor conexão de pedestres com o

Centro; de uma transposição que possa aproveitar o vetor da passarela existente para então remodelá-la e transformá-la num parque elevado, como se fosse uma extensão do jardim suspenso de Burle -Marx plantado sobre a laje da Rodoviária. Esse paisagismo flutuaria sobre aquela barulhenta conjunção de viadutos, provendo sombras ao árido percurso bairro-Centro, revisitando os padrões burle-marxistas da Rodoviária e incorporando uma ciclovia, assim permitindo que a futura malha cicloviária da avenida Antônio Carlos seja articulada às ciclovias das avenidas Paraná e Santos Dumont.

Passarelas de pedestres poderiam se transformar num verdadeiro instrumento de uma nova identidade do vale: pontes generosas, com programas acoplados e potencial para valorizar um rio para o qual a cidade virou as costas. Lembremos não apenas de exemplos históricos que proporcionam, alhures, uma travessia de rios ur-



JARDINS, PRAÇAS E CINEMA SOBRE O RIO ARRUDAS



PISCINA FILTRANTE NO RIO HUDSON EM NOVA YORK

MANUELZÃO · **07.2015** REVITALIZAÇÃO 17

banos prazerosa para o pedestre (a Ponte Vecchio de Florença, a Ponte do Brooklin de Nova York, a Pont Neuf de Paris, a ponte D. Luiz I no Porto, em Portugal), mas também o fato de que nossas pontes mais ambiciosas são de uma escala intimidante para não dizer acachapante: a ponte mais famosa do Brasil é a Rio-Niterói...

Além de uma conexão Centro-Lagoinha mais generosa que a pinguela de pedestres atual, é preciso construírmos várias outras: uma primeira ligando o circuito da praça Floriano Peixoto à praça Duque de Caxias em Santa Tereza, outra como continuação da rua Sapucaí e rua Itambé na Floresta até o Parque Municipal, uma outra na Avenida Bernardo Monteiro – todas colaborando para que a infraestrutura urbana se transforme para prover identidade e novos marcos visuais a estes bairros.

#### **UM PARQUE LINEAR**

E sob essas passarelas, não um trânsito de passagem, mas um parque linear ao longo de um canal com seções de diferentes tipos e com novas encostas verdes, quadras esportivas, escadarias, jardins verticais e diversos equipamentos para a prática de esportes – todos conformando um futuro Corredor Verde Centro-Leste. Sendo uma das raríssimas regiões planas de BH, este corredor vai funcionar também como item fundamental da rede de ciclovias que está sendo implantada, definindo uma nova infraestrutura de mobilidade e desempenhando papel importante num urbanismo agora pensado para a experiência daqueles que mais fazem uso da cidade: o pedestre e o usuário de transporte coletivo.

#### INFRAESTRUTURA COMO PAISAGEM

No Centro, o chamado Boulevard Arrudas precisa se transformar num boulevard de fato, com calçadas mais largas, árvores que justifiquem sua alcunha e um tratamento ambiental ambicioso que vai da Praça da Estação ao Corredor Verde. Nesta perspectiva, a Avenida Andradas deixa de ser uma via de oito pistas para se transformar num calçadão capaz de recriar um vale verde Centro-Leste.

A infraestrutura do canal existente deve passar a ser vista com um olhar menos funcionalista e um pouco mais poético. As centenas de vigas de concreto sobre o Arrudas não estão a espera de novas pistas de rolagem (como o foram no retrógrado Boulevard Arrudas): são vazios expectantes onde estão os melhores futuros da cidade. Já há a Praia da Estação; agora imaginemos a praia sobre o rio: o leito do Arrudas como um vazio urbano a espera de jardins elevados, cinemas ao ar livre, shows musicais, atividades cívicas inusitadas.

Quimeras? Enquanto Belo Horizonte duplica a avenida Andradas, outras cidades estão redescobrindo seus rios. Aquelas vigas, elemento molesto concebido por uma engenharia de trânsito caduca, podem ser ressignificadas como elemento propulsor de novos espaços públicos e de uma nova relação com o Centro e com o rio. E assim uma cidade de festas e de celebrações poderá reativá-lo: o Arrudas como evento, como um campo ativo capaz de catalisar uma ampla gama de atividades fixas e transitórias, públicas e privadas, lúdicas e de lazer, possibilitando diferentes arranjos e assumindo as mais diversas facetas. ◆

# PREFEITOS ASSINAM POR **PROTEÇÃO DE NASCENTES**

Os prefeitos de quatro municípios da região do Alto Rio das Velhas: Nova Lima, Rio Acima, Raposos e Itabirito, assinaram em junho, em Nova Lima, acordo de cooperação para recuperar e preservar as nascentes e áreas de preservação permanente da região.

Os prefeitos somarão esforços para a revitalização ambiental, cabendo às cidades que têm viveiros florestais, como Nova Lima e Rio Acima, produzir as mudas de espécies nativas para recomposição da mata ciliar e do entorno das nascentes.

O convênio prevê implantar a gestão compartilhada da bacia com ações socioambientais para proteção dos afluentes do Rio das Velhas. As ações terão abrangência no território de cada um dos municípios e as prefeituras deverão fazer o mapeamento das nascentes, estabelecendo prioridades e cronogramas dos planos. O trabalho começará pela identificação das áreas mais comprometidas e pela conscientização das comunidades do entorno.

# NASCENTES OU 'MORRENTES'?

Nas últimas décadas, o desmatamento de encostas, das matas ciliares e o uso inadequado dos solos tem contribuído para a diminuição dos volumes e da qualidade da água, um bem natural insubstituível na vida do ser humano. Os cuidados devem se iniciar com a preservação das nascentes, pois, são as origens dos rios. Elas são manifestações superficiais de água armazenadas em reservatórios subterrâneos, chamados de aquíferos ou lençóis, que dão início a pequenos cursos d'água, que formam os córregos, se juntando para originar os riachos e dessa forma surgem os rios.

Para a conservação de nascentes e mananciais em propriedades rurais, podem ser adotadas algumas medidas de proteção do solo e da vegetação, que vão desde a eliminação das práticas de queimadas até o enriquecimento das matas nativas. "A água é um recurso valioso nas áreas rurais e por isso precisamos cuidar para que sejam sempre limpas e vivas", comenta Odilon Lima, produtor rural da região de Acurui, em Itabirito

Para ele, perceber que a água é um bem vital e que pode determinar a cultura de um local é fundamental para que haja mais pessoas dispostas a conviver em sintonia com o meio ambiente. "Em minha propriedade temos 13 nascentes que cuidamos com carinho e técnicas de preservação como as barraginhas e outras", disse.

"È necessário conviver com o meio ambiente e isso é o mínimo. Aqui fazemos com que a natureza seja parte de nosso cotidiano e um meio de socialização. No Brasil, a agricultura familiar pode ser um meio diferente de utilização do meio ambiente rural. Uma alternativa a essa cultura da destruição", afirma Odilon.

18 ÁREAS VERDES URBANAS MANUELZÃO · 07.2015

# SOLUÇÕES ECOLÓGICAS QUE INVESTEM NA CULTURA SOCIAL

AS ÁREAS VERDES SÃO RESULTADO DE UMA MELHOR INTEGRAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

RENATO CRISPINIANO
Repórter

O Projeto Manuelzão vem defendendo a criação de parques lineares como modelo de harmonia arquitetônica de convivência com os rios urbanos. O Parque Ecológico de Itabirito, palco da quinta edição do FestiVelhas é um modelo de parque linear a ser seguido. A arquiteta Rousemara Lopes, uma das idealizadoras do projeto, faz um histórico do processo. "Coincidentemente, na mesma época, escrevi meu trabalho final do curso de pósgraduação em Planejamento Ambiental Urbano, sobre o tema dos vazios urbanos da cidade. Havia acabado de constatar que os interesses comerciais haviam acabado com quase todas as áreas verdes da região central da cidade, restando apenas as áreas localizadas às margens de rios, em áreas muito íngremes ou de difícil acesso. Não foi necessário muito tempo para amadurecermos juntos sobre a ideia da criação de um parque ecológico naquele local", disse.

Segundo ela, a área era bem grande e se encontrava totalmente sem uso e completamente tomada por lixo. "Alguns corajosos moradores do bairro Nossa Senhora de Fátima e trabalhadores do Distrito Industrial atalhavam por dentro dessa área, em uma trilha de terra, em meio a muito lixo e falta de segurança. Ela pertencia a um próspero comerciante local, que pretendia instalar ali futuramente um supermercado ou um shopping center", explicou ao revelar que no início o processo de desapropriação que se arrastou em litígio por vários anos.

"A vegetação se restringia a inúmeros eucaliptos e muito mato. Não foram poucas as pessoas que não acreditaram



TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO NATURAL EM CULTURA E LAZER



MANUELZÃO · 07.2015 ÁREAS VERDES URBANAS 19



CAMINHOS APONTAM AS MUDANÇAS DO ESPAÇO VERDE EM ITABIRITO



que naquele local poderia surgir um belo e harmonioso parque. Buscamos arquitetos especialistas na criação de parques e contamos ainda com o apoio do IEF no auxílio do trabalho de planejamento da substituição gradual dos eucaliptos por espécies mais adequadas à nova realidade da área, pois queríamos um local com muitos pássaros, sombreado e seguro. Toneladas de lixo, inclusive de lixo hospitalar seriam retirados da área".

Sobre essa situação de abandono, especialistas esclarecem que, nas cidades, o urbano pode ser entendido como o resultado maior da capacidade social de transformar o espaço natural. Assim, as diferentes intervenções do homem no crescente "espaço urbano", nem sempre foram pautadas em ações de controle e preservação ambiental, e como decorrência deste fato, muitos problemas foram se fazendo cada vez mais presentes.

O Parque Ecológico possui 45 mil metros quadrados, com lagoa, anfiteatro, passarela, mirante, centro de educação ambiental, ciclovia, pista de caminhada, playground, lanchonete, aparelhos de ginástica para idosos, cinco nascentes preservadas e áreas com mata nativa. Possui também viveiros com animais sem condições de voltar ao habitat natural, cedidos e legalizados pelo Ibama.

O parque tem um diferencial, faz divisa com o Rio Itabirito, afluente do Rio das Velhas. "Para valorizar e proteger o rio e incentivar a prática de esportes decidimos manter o acesso ao Distrito Industrial por bicicleta. "Infelizmente outras áreas verdes não são poupadas pela especulação imobiliária e acabam se transformando em prédios comerciais e residenciais, fazendo com que o percentual de área verde por habitante seja baixo na zona urbana. O sonho de vários parques urbanos que se complementem está cada dia mais distante nos municípios brasileiros, o que é um prejuízo enorme para os cidadãos que não veem surgir outros pontos de lazer, esporte e cultura".  $\blacklozenge$ 

#### **SERVIÇO**

O Parque Ecológico de Itabirito se localiza à Avenida Queiroz Júnior, 1510, e funciona de terça a domingo e feriados de 7h às 22h.

## UM MOVIMENTO CULTURAL QUE CONVOCOU AS POPULAÇÕES RIBEIRINHAS A SE MANIFESTAREM USANDO A ARTE COMO LINGUAGEM

# ARTE, CULTURA E TRANSFORMAÇÃO



FestiVelhas é o Festival Cultural da Bacia do Rio das Velhas, idealizado pelo Projeto Manuelzão UFMG a partir da expedição de 2003 que percorreu toda a extensão do rio. Além da riqueza em biodiversidade, esse rio alimenta uma correnteza cultural que compartilha o seu destino. Entretanto, como consequência da degradação das águas, muitas espécies da fauna e da flora começaram a desaparecer e, com elas, várias manifestações culturais.

Cada dia fica mais difícil pescar um dourado, um pacu, descansar à sombra de um jequitibá, ver um beija-flor gravata verde, um canarinho chapinha, um trincaferro, ou ouvir um violeiro tocar uma moda de viola. As lavadeiras não cantam, nem lavam; os barcos não navegam, a biodiversidade morre por não ter água limpa.

Desde o início, o Projeto Manuelzão se empenhou em mudar esse paradigma de progresso sem conservação, que aniquila as veredas e a fauna das Gerais, desfigurando suas características naturais e o modo de vida dos povos que habitam a região. A cultura é parte fundamental do Projeto Manuelzão que, desde seu surgimento, anunciou que a revitalização da bacia do Rio das Velhas depende da construção de novos imaginários. O objetivo é fazer da cultura o motor da mudança de mentalidade que se transforme em ação.

Graças à expedição, surgiu a ideia de organizar um movimento cultural que convocasse as populações ribeirinhas a se manifestarem usando a arte como linguagem. E deu certo. Centenas de artistas, escritores, dançarinos, violeiros, contadores de histórias, homens e mulheres de toda a bacia reuniram-se no "FestiVelhas Manuelzão em Morro da Garça", em 2005, que procurou demonstrar a diversidade cultural da bacia no "FestiVelhas Jequitibá 2007" fortalecemos os debates e procuramos sinalizar a riqueza do passado através do folclore presente em todas as regiões da bacia. Já o

"FestiVelhas 2009" foi itinerante, e aconteceu durante a expedição de 2009 pelo Rio das Velhas, com o objetivo de sensibilizar todas as comunidades da bacia para a proposta de revitalização da Meta 2010.

A edição do evento em Belo Horizonte, no ano de 2011, focou no teatro do "absurdo" as ações antrópicas insustentáveis movidas por um modelo econômico sem preocupação com a gestão ambiental. Passada a Meta 2010-2014 é necessário estabelecer novos rumos e metas a serem alcançadas.

A nova edição do Festivelhas 2015, em Itabirito, tem como objetivo resgatar o movimento sociocultural da bacia, integrando povos e pensamentos através da arte e cultura na busca da transformação da mentalidade em tempo de escassez hídrica. O FestiVelhas Itabirito é uma realização do Projeto Manuelzão em parceria com a prefeitura de local e o Comitê de bacia do Rio das Velhas. ◆



CAPOEIRA CATIVEIRO

Fundado em 1978 por cinco mestres, incluindo o Miguel Machado, hoje o grupo itabiritense é coordenado pelo Mestre Beto Braga e dá verdadeiras aulas de capoeira.

CONTATO 31 8849.4090



CARLOS BOLÍVIA

O "cantautor" mescla gêneros como samba, rock e música caribenha em canções sobre o cotidiano da cidade, em busca de um diálogo próximo com o público.

CONTATO 31 9931.8088



CIA. BELKISS AMORIM

Há 32 anos o premiado grupo de dança clássica e contemporânea de Lagoa Santa encanta com suas coreografias ecléticas, sempre associadas à cultura brasileira.

CONTATO 31 8778.0406



CIA. PRIMITIVA

O rico e importante histórico africano, se faz presente nas apresentações desse grupo que se caracteriza pela força da raça e suas conquistas.

CONTATO 31 7546.2669



CIRCO EM CENA

Com o objetivo de difundir a cultura circense, a companhia encanta crianças e adultos com espetáculos, oficinas e intervenções, adaptandose aos mais diversos espaços.

CONTATO 31 8736.6422



FANFARRA DA PAZ

A Fanpaz de Itabirito trabalha com crianças, jovens e adultos, promovendo o desenvolvimento musical e cultural de seus integrantes em apresentações por Minas Gerais.

CONTATO 31 8751.0544 . 8870.0544



FLOR DO CERRADO

Formado por professores de Geografia, Artes e Literatura, além de cantores e compositores, o grupo canta para falar de amor, poesia e sertão.

CONTATO 31 3395.4672



**GABRIEL GUEDES** 

Após gravar um disco interpretando chorinhos de seu avô Godofredo Guedes, o também músico Gabriel Guedes está lançando um novo trabalho, agora autoral.

CONTATO 31 9553.3279



GANGA B. & CONGADAR

De um lado, a banda Ganga Bruta carrega em suas músicas uma marca de Blues, do outro o Congadar representa o Congado; ambos estilos originados da África.

**CONTATO 31 3771.2743** 



ALTO BATUQUE

Com batidas fortes e um som vibrante, o grupo de BH usa a percussão para encantar o público, tocando corações e fazendo com que todos participem do show.

CONTATO 31 8587.5899



GRUPO URUCUM

Grupo de amigos que se reuniram para criar um bloco caricato e levar para as ruas grandes nomes da bossa, da tropicália, do baião, das cirandas de roda, da MPB e do axé.

CONTATO 31 8868.3605



LIBRE CANTARE

O coral infanto-juvenil de Itabirito representa um marco da cultura local. Seu estilo inconfundível traz positividade e alegria aos corações de quem os ouve.

CONTATO 31 3561.0080



LIL RINOX

Atual e com estilo próprio, os MCs tomam conta da nova geração. Lil Rinox não é diferente e com seus shows de rap e duelo de MCs chama a galera para dançar.

CONTATO 31 7536.7988



LOLLIPOP CHINATOWN

Desde 2012 a banda reúne músicos com trajetórias musicais diferentes, mas um objetivo em comum: criar um som visceral a partir das vivências com rock, eletro e MPB.

CONTATO 31 9398.5048



MENINAS DE SINHÁ

Jovens senhoras que encontram em velhas cantigas de roda uma forma de rejuvenescer. Entregamse à arte, tocando seus instrumentos e o coração de quem as assiste.

CONTATO 31 9243.3291 . 8862.0937



ORQUESTRA JOVEM

As orquestras jovens Vallourec, Escola Estadual Padre João Botelho e o Grupo de Câmara participam do projeto que já realizou mais de 200 apresentações em Minas.

CONTATO 31 3225.9746



PEREIRA DA VIOLA

O violeiro, rabequeiro, cantor e compositor de Teófilo Otoni tem uma carreira reconhecida em todo território brasileiro: um verdadeiro ícone da viola caipira.

**CONTATO 31 9973.1246** 



ROMERO BICALHO

O músico canta sobre as coisas simples da vida, como os valores humanos e a beleza de sua terra, numa mescla de samba, reggae e Música Popular Brasileira.

CONTATO 31 3541.2868 . 8809.4202



ROSAS DO S. BERNARDO

Oriundo do projeto Senhores e Senhoras do Tempo, o grupo de mulheres trabalha desde 2008 pela cultura popular e pelo resgate da memória do patrimônio cultural.

CONTATO 31 3491.8620 . 3456.2609



#### SAMBA DE CUMPADRE

Ricardo Coelho (voz e violão) e Vinicius Nascimento (percussão) tocam canções autorais e interpretam grandes artistas do samba de raiz. Já se apresentaram em vários locais.

CONTATO 31 8628.9207 . 9641.7259



VILMAR E O TRIO

A banda "Vilmar e o Trio Lapinhô", de Lapinha da Serra, representa a cultura popular da Serra Espinhaço, a cantoria regional brasileira e a preservação ambiental das serras.

CONTATO 31 8736.6422 . 2510.6558

#### SONETO DA MEDITAÇÃO

COM QUANTAS BOMBAS SE DESTRÓI O MUNDO? QUANTO CIMENTO FAZ UM CORAÇÃO? COM QUANTOS MORTOS SE GANHA UMA GUERRA? COM QUANTAS SERRAS, A DEVASTAÇÃO?

COM QUANTO LIXO SE
ASSASSINA UM RIO? COM
QUANTOS VOTOS SE VENDE UMA
NAÇÃO? COM QUANTO OURO SE
FAZ UMA VIDA? COM QUANTOS
BRIOS, UMA INSURREIÇÃO?

DE QUANTO TEMPO O FUTURO É FEITO? QUANTO AMOR ENTERNECE UM PEITO? QUANTOS COMPASSOS PARA UMA CANÇÃO?

COM QUANTOS PASSOS SE FAZ UM CAMINHO? COM QUANTOS LAÇOS SE TRANÇA O CARINHO? VIVA A ESPERANÇA DA REFLEXÃO!

VIVA O FESTIVELHAS! VIVA ITABIRITO! VIVA A FORÇA DA NOSSA UNIÃO.

TADEU MARTINS



SEVERINO IABÁ

Salve Nossa Mãe terra! Poeta, o artista mineiro dedica seus versos a natureza, ao meio ambiente e, em especial, aos guardiões das nossas águas.

CONTATO 31 9171.1314



ACERVO MANUELZÃO



## Melhor poupar do que faltar.

A responsabilidade é de todos.











